



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

LETÍCIA LEMOS SOUSA

**DESEMPENHO DE PAPÉIS OCUPACIONAIS, ORGANIZAÇÃO
DO COTIDIANO E AUTOEFICÁCIA DE ADULTOS E IDOSOS
NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO**

Brasília - DF

2018

LETÍCIA LEMOS SOUSA

**DESEMPENHO DE PAPÉIS OCUPACIONAIS, ORGANIZAÇÃO
DO COTIDIANO E AUTOEFICÁCIA DE ADULTOS E IDOSOS
NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia como
requisito final para obtenção do título de Bacharel em
Terapia Ocupacional

Professor Orientador: Dra. Grasielle Silveira Tavares
Paulin

Brasília – DF

2018

LETÍCIA LEMOS SOUSA

**DESEMPENHO DE PAPÉIS OCUPACIONAIS, ORGANIZAÇÃO
DO COTIDIANO E AUTOEFICÁCIA DE ADULTOS E IDOSOS
NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília - Faculdade de Ceilândia como
requisito final para obtenção do título de Bacharel em
Terapia Ocupacional.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Grasielle Silveira Tavares Paulin

Orientador(a)

Msc. Daniela da Silva Rodrigues

Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília

Aprovado em:

Brasília, 28 de junho de 2018.

RESUMO

A cada dia se torna mais frequente o ingresso de estudantes maiores de 40 anos no ambiente acadêmico. Com isso, esses indivíduos começam a desenvolver novos papéis ocupacionais e criar elos que mantenham sua autoeficácia. O presente trabalho tem como objetivo conhecer a rotina acadêmica e a organização cotidiana dos estudantes universitários adultos e idosos, compreendendo como é a disposição de suas atividades, analisando os papéis ocupacionais exercidos e a autoeficácia. Trata-se de um estudo descritivo exploratório com abordagem qualitativa, a amostra da pesquisa foi composta por 6 estudantes com 40 anos ou mais, de ambos os sexos, que estudam ou estudaram em uma universidade pública do centro-oeste no período de janeiro de 2013 a dezembro de 2015. Foi realizada uma entrevista semiestruturada, aplicada a Lista de Identificação de Papéis Ocupacionais (LIPO) e a Escala de Autoeficácia na Formação Superior (AEFS) e para interpretação dos dados foi utilizado a análise de conteúdo de Bardin. Notou-se que os adultos e idosos que entram na universidade têm dificuldades em associar os demais papéis ocupacionais com o novo papel de estudante e apresentaram baixo nível de autoeficácia nas atividades, por não acreditarem em suas capacidades, se sentindo inferiores e perdendo oportunidades.

Palavras-chave: Atividades cotidianas; Ocupações; Universidade; Desempenho de papéis; Autoeficácia

ABSTRACT

Each day becomes more frequent or greater than 40 years in the academic environment. With this, teaching sources, new forms of business organization and create ways to maintain their self-efficacy. The work has an academic routine and a daily organization of college students and adults, including organizations organizing their activities, analyzing occupational performance standards and self-efficacy. This is an exploratory descriptive study with the qualitative approach, since the study was done by students 40 years of age and older, of both sexes, who studied or studied at a public university in the Midwest in the period of January 2013 to December 2015. A semi-structured interview was applied, applying an identification list of occupational documents (LIPO) and the content analysis of Bardin. It was noted that the adults and the elderly who enter university have difficulties in associating the other occupational roles with the new role of student and presented low level of self-efficacy in the activities, for not believing in their capacities, feeling inferior and losing opportunities.

Keywords: Daily activities; Occupations; University; Performance of roles; Self-efficacy

INTRODUÇÃO

O processo de envelhecimento é indicado por várias mudanças biológicas e comportamentais. Portanto, é uma fase que não, necessariamente, tem a presença de doenças, limitações para desenvolver atividades cotidianas e incapacidades definitivas. Algumas das dificuldades apresentadas na rotina diária desses indivíduos podem causar solidão, isolamento social, alienação, desespero e declínio nas questões da saúde física e mental (OLIVEIRA; GARCIA, 2011).

Na sociedade contemporânea existem maneiras diferentes de envelhecer, têm aqueles que vivem a velhice como um castigo, associado às doenças, e outros que possuem uma vida totalmente ativa, desempenhando papéis importantes na família e em outros espaços (PEREIRA, 2011). Com isso, Pereira (2011) defende que,

Na sociedade atual, preconiza-se uma velhice idealizada, ou seja, uma velhice que produz o velho-jovem: aquele que se submete a cirurgia plástica, pratica esporte, estuda, é economicamente ativo, viaja, namora, participa de atividades voltadas para a terceira idade, mora sozinho e “vai à luta” por seus direitos. Ele é indício de uma revolução que provoca alterações na concepção de velhice por parte não só dos velhos, mas daqueles que ainda não chegaram a essa fase. Ou seja, jovens e adultos repensam seus conceitos do que é ser velho e se preocupam como chegarão a essa etapa da vida dentro desse modelo de velhice. No entanto, essa velhice não é para todos (PEREIRA, 2011, p. 16).

Os indivíduos com meia idade são vistos pela sociedade como incapazes de realizar atividades relacionadas ao aprendizado. No entanto, as crenças entre potencialidades cognitivas e exigências das tarefas de aprendizagem são importantes de serem identificadas pois com isso cada um conhecendo melhor suas competências mentais, consegue selecionar estratégias adequadas para que possam se organizar, interagir e processar informações, facilitando a conexão entre os conhecimentos novos com os retidos na memória (DA COSTA PINTO, 2001).

De acordo com Sarraipo (2016) a população procura envelhecer de uma forma digna e com qualidade, tendo como estratégia de potencialização de suas capacidades a educação. Dados do Censo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Legislação e Documentos (INEP, 2012), mostram um aumento crescente no perfil dos estudantes

universitários com 60 anos ou mais, já que em 2012, dos 2.182.229 alunos que ingressaram no ensino superior, 4.636 destes são pessoas idosas.

A cada dia se torna mais frequente o ingresso de estudantes maiores de 40 anos nas universidades. Muitos não tiveram a oportunidade em fazer um curso ao longo da vida, por diversas barreiras, e outros que já possuem um diploma e vislumbram a oportunidade de um novo curso, voltando ao espaço acadêmico para desenvolver novos papéis ocupacionais e criar elos que mantenham sua autoeficácia (TAVARES, 2008).

Por autoeficácia entende-se que é uma avaliação ou percepção pessoal quanto à própria inteligência, habilidades e conhecimentos diversos, sendo que o foco principal não é possuir tais capacidades - não basta que estejam presentes; é necessário que o indivíduo acredite que as possua e nelas confie para que afete nas suas escolhas e no desempenho (BANDURA,1997).

As atividades que os indivíduos exercem estão diretamente relacionadas com sua autoeficácia, pois quanto mais confiante e capaz a pessoa se sentir, mais satisfatório será seu desempenho. Sendo assim, contribui para uma diminuição das dificuldades, uma vez que reforça as suas capacidades para enfrentar os desafios encontrados no ambiente universitário.

Esses indivíduos, ao entrarem na universidade, começam a assumir novos papéis ocupacionais que não estavam presentes dentro de sua rotina. De acordo com Neistadt e Crepeau (2002) ocupação são atividades que estão presentes no cotidiano do indivíduo, dando sentido à sua vida, onde a partir dessas experiências cotidianas e das vinculadas a história de vida, acontece a formação de sua identidade. Para a WFOT (2012), as ocupações são atividades cotidianas que as pessoas realizam como indivíduos, nas famílias e nas comunidades ocupando determinado período e trazendo significado à vida.

Com isso, o indivíduo acaba entrando em uma nova rotina, que para a AOTA (2015) são padrões de comportamentos visíveis, regulares e que se repetem, fornecendo estrutura para a vida cotidiana. Nesse contexto, de acordo com a WFOT (2016), a profissão do terapeuta ocupacional se preocupa em promover saúde e bem-estar por meio da ocupação. Tem como principal objetivo, permitir que os indivíduos participem de atividades da vida cotidiana. Esses profissionais através do trabalho com pessoas e comunidades para que aumente a capacidade de envolver-se nas ocupações que desejam, precisam ou devem fazer, ou modificam a ocupação ou o meio ambiente com o intuito de apoiar melhor o seu envolvimento ocupacional.

O motivo para a pesquisa foi para entender como os estudantes com mais de 40 anos articulam as atividades escolares com os demais papéis ocupacionais e conhecer as causas da desistência de exercer o papel de estudante. Desta forma o presente trabalho objetivou conhecer a rotina acadêmica e a organização cotidiana dos estudantes universitários adultos e idosos, compreendendo como estes organizam suas atividades, analisando os papéis ocupacionais exercidos e a autoeficácia em relação as ocupações realizadas.

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O trabalho foi realizado na Faculdade de Ceilândia, uma Universidade Pública do Centro-Oeste, que existe desde o ano de 2008, na qual são oferecidos seis cursos de graduação na área de saúde: enfermagem, farmácia, fisioterapia, fonoaudiologia, saúde coletiva e terapia ocupacional (FCE, 2018).

Os critérios para inclusão para participar da pesquisa foram: a) ter 40 anos ou mais, de ambos os sexos; b) ser estudante de um dos seis cursos desse campus da universidade, podendo estar no primeiro ao último semestre de graduação; c) ter sido matriculado no período de janeiro de 2008 a dezembro de 2015, concluintes ou estudantes que desistiram de cursar a graduação e; d) aceitar participar da pesquisa voluntariamente por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Como critério de exclusão: a) ser estudante da Universidade da Maturidade.

O contato dos estudantes adultos e idosos foi fornecido pelo Serviço de Orientação Universitária - SOU da universidade. A coleta de dados foi realizada no período de março a abril de 2017. A amostra inicial foi de vinte e um estudantes, porém apenas seis aceitaram participar da pesquisa. Os demais não tinham disponibilidade de horário ou o contato telefônico estava desatualizado e, além disso, muitos não atenderam. Ressalta-se que foram feitas três tentativas em horários distintos. Os participantes da pesquisa estavam cursando a graduação de saúde coletiva, terapia ocupacional, farmácia e fonoaudiologia. Todos que concordaram em participar

do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TLCE). Os instrumentos foram aplicados conforme a disponibilidades dos participantes, alguns sendo em uma sala reservada na própria universidade e outros na casa do sujeito, tendo duração, em média, de 45 minutos.

Os instrumentos de coleta de dados foram a Lista de Identificação de Papéis Ocupacionais, a Escala de Autoeficácia na Formação Superior e um Roteiro de Entrevista Semiestruturado.

A Lista de Identificação de Papéis Ocupacionais (*Role Checklist*) foi desenvolvida originalmente por Francis Oakley, publicada em 1986, e é baseada em conceitos descritos no Modelo de Ocupação Humana – MOH (OAKLEY et al., 1986). Este instrumento divide-se em duas etapas. A primeira, requer que o indivíduo defina sua participação ou não em papéis ocupacionais no passado, presente e futuro. Esses dez papéis são pré-estabelecidos pela avaliação (estudante, trabalhador, voluntário, cuidador, serviço doméstico, amigo, membro de família, religioso, passatempo/amador, participantes em organizações e outros para identificar papéis não listados). Na segunda etapa, o indivíduo atribui a cada papel descrito o seu grau de importância, podendo variar de nenhuma importância, alguma importância e muita importância (CORDEIRO, 2005).

A Escala de Autoeficácia na Formação Superior – AEFS (POLYDORO, 2010) é um instrumento de auto-relato que objetiva identificar a autoeficácia de estudantes em organizar e executar cursos de ações requeridos para produzir certas realizações referentes aos aspectos compreendidos pelas tarefas acadêmicas pertinentes ao Ensino Superior. De acordo com a Escala de Autoeficácia na Formação Superior, é subdividida em autoeficácia acadêmica (é a confiança que o indivíduo tem na capacidade de aprender, demonstrar e aplicar o conteúdo do curso); autoeficácia na regulação da formação (é o indivíduo se sentir capaz de estabelecer metas, fazer escolhas, planejar e auto regular suas ações no processo de formação e desenvolvimento de carreira); autoeficácia na interação social (é a capacidade que a pessoa tem de relacionar-se com os colegas e professores com fins acadêmicos e sociais); autoeficácia em ações pró-ativas (é o indivíduo sentir-se capaz de aproveitar as oportunidades de formação, atualizar os conhecimentos e promover melhorias institucionais); e autoeficácia na gestão acadêmica (a pessoa se achar capaz de envolver-se, planejar e cumprir prazos em relação às atividades acadêmicas) GUERREIRO, 2007.

O Roteiro de Entrevista Semiestruturado, desenvolvido pelas pesquisadoras, foi composto por 10 questões e buscou analisar a rotina dos estudantes com idade superior a 40 anos em relação à universidade, seus maiores desafios e as estratégias utilizadas por eles diante das dificuldades encontradas. As falas foram gravadas e transcritas na íntegra para posterior análise.

Para análise dos dados, coletados das entrevistas, foi realizada uma sistematização descritiva das informações, utilizando a análise do conteúdo de Bardin (2011), do tipo categorial, que segundo a autora trata-se de um desmembramento do texto em unidades para separá-las em categorias comuns. O projeto foi aprovado e seguiu a rigor a resolução do Conselho Nacional de Saúde 446/2012 sob número 1.061.386, CAAE 39900214.4.0000.0030.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados mostram a caracterização dos seis estudantes, sendo um homem e cinco mulheres, com média de faixa etária de 49 anos, variando entre 40 a 58 anos, sendo 1 estudantes do curso de farmácia, 1 cursando fonoaudiologia, 2 de saúde coletiva e 2 graduandos de terapia ocupacional. Dentre eles, dois estavam cursando a graduação no período da pesquisa, três haviam desistido e um estudante já tinha concluído a graduação.

A seguir serão apresentados os dados coletados e as categorias obtidas no trabalho, nos quais emergiram as seguintes categorias: a) Como cheguei à universidade: o percurso e suas singularidades; b) Cotidiano: espaço de construção e ressignificação; c) Identificando a Autoeficácia nas atividades e contextos: um olhar do terapeuta ocupacional e; d) Papéis Ocupacionais: complexidade, conflito e experimentações no ambiente acadêmico.

a) Como cheguei à universidade: o percurso e suas singularidades

Para Nunes (2006), as pessoas com maior idade vivem um cotidiano que envolve o aspecto cultural e concebe o indivíduo como um ser improdutivo e passivo. Por conta disso, deixam de expor suas preferências, desejos ou sentimentos de valorização. Então, alguns indivíduos com mais de 40 anos não se sentem apoiados pelas pessoas que estão ao seu redor por acharem que eles são incapazes de exercer esse papel nessa idade. Ao serem perguntados sobre

apoio de seus familiares nessa etapa, um dos participantes mencionou: “... não. Eu falei para meu filho que tinha conseguido a vaga, ele mandou eu me virar” (Estudante 6).

Percebe-se que a falta de apoio pode desencadear a evasão do ambiente acadêmico e, mesmo não tendo o auxílio e o apoio esperado, esses estudantes buscavam se fortalecer para alcançar seu objetivo, que era estar cursando uma universidade. Quando foram questionados sobre uma qualidade pessoal que os mantém dentro do ambiente acadêmico e sobre a experiência de serem universitários, os estudantes responderam: “(...) minha persistência. Eu não desisto fácil, mesmo com todos os problemas, porque não é fácil (...) essa é uma vitória muito grande, porque na minha idade ter começado a estudar aos 11 anos de idade para ser alfabetizada” (Estudante 6). Assim como o estudante 4 mencionou: “(...) considero uma grande e desafiadora experiência, primeiramente por estar envolvido com estudantes mais jovens, e por eu tentar acompanhá-los na rotina acadêmica”. Para outro estudante o fato de estar na universidade cumpre um requisito social apenas: “Ah eu sempre quis ter um curso superior, foi somente isso” (Estudante 5).

A universidade não é um local apenas para estudos, é um ambiente rico em relações sociais e diversidades, portanto esse deve ser um dos motivos que vem aumentando o número de alunos com idade superior a 40 anos, pois alguns já aposentaram e moram sozinhos, e vêm a faculdade como um meio para retornar uma vida socialmente ativa. Tal fato foi observado na fala seguinte: “(...) a faculdade além de ser um local de aprendizagem, de estudo, cultura, conhecimento, é também uma troca de conhecimento da geração atual para a minha (...) eu aprendi que as meninas são mais livres pra falar, a gente era muito limitada (...) então aprendemos a entender a ideia e o pensamento dessa geração, que é 30 anos mais jovens que eu”.

Para os estudantes que abandonaram a universidade conforme seus motivos pessoais, foi observado que o papel de estudante era de grande importância na sua vida, como relata o Estudante 2: “(...) sinto muita falta, é um sonho que eu tinha, o único sonho que eu tinha (...) vou me graduar em outra faculdade, em farmácia, se Deus quiser, mais ainda vou ter essa pedra (...) que era o que eu queria”. Com isso, percebe-se que a desistência de algo muito desejado por uma pessoa pode trazer alguns prejuízos em seu cotidiano, sentido como uma ruptura.

b) Cotidiano: espaço de construção e ressignificação

De acordo com Galheigo (2003), o dia a dia do ser humano é composto por várias atividades, sendo um cotidiano heterogêneo em conteúdos e significações. O cotidiano é singular para cada indivíduo, sendo construído a partir de suas necessidades, crenças, afetos e valores, se tornando único e irrepetível entre as pessoas.

A respeito da relação entre o cotidiano e a terapia ocupacional, Galheigo (2003) diz que

A vida cotidiana do sujeito se revela no entroncamento da realidade exterior e da realidade psíquica, na rede de suas relações sociais, nas atividades costumeiras de auto-cuidado e auto-manutenção, nas manifestações de solidariedade. O terapeuta ocupacional tem, portanto, uma posição privilegiada ao poder contribuir para a elaboração crítica do cotidiano do sujeito. O poder refletir a vida cotidiana e suas determinações, esse olhar estrangeiro para o que parece rotina imutável, contribui de forma marcante para os movimentos de auto-determinação do sujeito, de reorganização do coletivo e ressignificação do cotidiano. (GALHEIGO, 2003, p. 108)

Em relação ao cotidiano dos estudantes, foi possível identificar que a maioria apresentava dificuldades na organização de sua rotina diária, o que estava afetando diretamente o seu desempenho nas atividades universitárias, desencadeando, em alguns casos, o abandono da graduação. Esse fato pode ser compreendido conforme relato: “(...) estava ficando inviável, (...) primeiro acabei tendo um *staff* mental grande que me deixou incapaz de aprender qualquer coisa. Não estava conseguindo fazer nada. Isso também por causa de ter que equilibrar trabalho, família e o meio acadêmico, (...) isso foi me cansando, me cansando até que chegou um momento que eu não consegui mais” (Estudante 2).

Nesse contexto, ao serem questionados sobre as relações sociais no ambiente acadêmico, um dos estudantes destacou: “(...) é só assim que a gente se percebe totalmente discriminada aqui dentro (...) as pessoas não te dão a devida importância, como se te visse, que não se encaixasse nesse quadro, que não tem capacidade, então o tempo todo que tenho estado aqui é sempre lutando contra isso, sempre tentando vencer” (Estudante 5).

No que diz respeito à didática dos professores e ao processo de aprendizagem em relação aos estudantes adultos e idosos, os participantes destacaram: “(...) a didática é a mesma, uniforme, não tem diferenciação não” (Estudante 3), o que não deveria acontecer já que cada pessoa possui necessidades particulares. O relato do estudante 6 evidencia essa questão: “(...) um

problema que me atrapalha muito é de visão porque eu estou com glaucoma nos dois olhos e estou enxergando muito pouco, e não consigo um laudo (...) para solicitar letra ampliada para mim. Então eu tenho muita dificuldade”.

Entretanto, alguns participantes se posicionaram diferentemente em relação à didática e à atenção do professor com aos estudantes adultos e idosos: “(...) alguns professores, não pela minha idade, mais pelo meu ritmo de vida, me davam uma atenção maior, e se preocupavam mais com o (...) se eu estava ou não acompanhando o ritmo né, não pela minha idade, mais por eles conhecerem meu ritmo de vida, e a didática eu já estava esperando, a didática da Universidade é essa” (Estudante 2).

Contudo, há pessoas que já tem uma rotina menos turbulenta, onde possuem poucas preocupações fora da universidade, por exemplo, pessoas solteiras, sem filhos e que moram sozinhas, havendo a oportunidade de regular suas atividades com menos dificuldades, disponibilizando um tempo maior para se dedicar aos estudos. Esse aspecto percebe-se na fala de S.3, relatando que “de segunda a sexta é faculdade, a noite quando chego em casa normalmente eu dou uma estudada um pouco, releio o que eu escrevi e quando eu tenho folga eu sou dona de casa”. Entretanto, esse contexto se torna diferente com um indivíduo que, ao chegar em casa, tem que cuidar dos filhos, cônjuge e da casa, não havendo tempo para os livre e nem condições mentais para estudar.

c) Identificando a autoeficácia nas atividades e contexto

Com relação aos dados coletados sobre a autoeficácia, observamos que os estudantes universitários com mais de 40 anos de idade, possuem dificuldades para se manter dentro da universidade por aspectos didáticos, uso de tecnologias e compreensão dos docentes frente às dificuldades desses indivíduos. Notou-se também, que muitos estudantes criaram estratégias para alcançarem com sucesso, e no tempo certo, seus objetivos.

Verificou-se na auto-eficácia acadêmica que alguns participantes, por causa de possuírem uma idade superior da maioria dos estudantes da universidade, sentem-se rejeitados ou incapazes de aprenderem novos conteúdos. Outros sentem vergonha no momento da aula de levantar a mão e tirar uma dúvida, com medo da crítica dos outros colegas de turma, conforme fala a seguir: “(...) tem coisas que às vezes eu confundo, então, quando eu vou perguntar de novo ai: não, não é

assim, é assim, é desse jeito, já tá é assim (...) aquela assimilação imediata, não vem imediata entendeu vem mais tarde” (Estudante 3). Já outros possuem mais autoconfiança no processo de aprendizagem, aspecto que foi identificado na fala do Estudante 5: “(...) aqui dentro eu me sinto capaz de fazer qualquer coisa, por exemplo participar de projeto, eu consigo (...)”.

No que se refere a autoeficácia na regulação da formação, a maioria apresentou ter o mesmo objetivo: ter uma formação de nível superior. As falas dos estudantes demonstraram a meta comum entre eles: “(...) vontade de ter um diploma” (Entrevistado 6) e “(...) Ah eu sempre quis ter um curso superior” (Entrevistado 5).

No contexto universitário, destaca-se que os participantes vivem uma rotina de escolhas, que engloba as matérias que irão cursar no semestre, as atividades complementares a serem realizadas, entre outras decisões da rotina acadêmica. Portanto, esse cotidiano se torna um pouco cansativo e incerto para estudantes universitários que possuem uma idade superior, por motivos de uso da tecnologia, tempo para a realização das atividades e a conciliação entre os papéis ocupacionais.

Já em relação à autoeficácia na interação social foi observado que os indivíduos que possuem uma boa relação social têm um melhor desempenho dentro da universidade, pois se comunicam tanto com os professores e colegas para tirarem dúvidas ou interagir como forma de lazer, conforme fala a seguir: “(...) ontem mesmo eu tava comentando com um professor, eu tava tirando dúvida como inserir tabelas e gráficos no meu TCC, eu falei pra ele dessa dificuldade de eu tá acompanhando, mas eu sempre procuro, eu tiro dúvidas, eu vou atrás dos professores, de toda equipe aqui da faculdade, sempre busco tirar essas dúvidas pra eu estar acompanhando essa moçada” (Estudante 4).

Nessa direção, a interação social também ajuda no ambiente de trabalho, como “(...) eu tenho facilidade também de interagir com os outros, com os colegas, tanto colega de faculdade quanto com o pessoal do estágio, com os outros profissionais, eu não me acanho não, chego e falo mesmo.” (Estudante 6). Com algumas pessoas o processo para ocorrer a interação social, acontece de um modo mais lento, até mesmo por causa da personalidade do indivíduo, como o S.7 “Eu me acho estranha, assim meio fechadona. Mas as pessoas chegam até mim, eu não sei o que é isso, eu sou fechada, mas eu consigo estabelecer com certas pessoas uma afinidade que eu não sei nem explicar.”

Na autoeficácia em ações pró-ativas apresentou menor valor em relação à média. Infere-se que isso se deve ao fato dos estudantes não se colocarem na posição de enfrentamento de um novo desafio de aprendizagem por se sentirem incapazes ou por questões dos papéis ocupacionais, conforme relato: “(...) o que eu não me sinto capaz de fazer são algumas atividades extracurriculares, como por exemplo, participar de congressos” (Estudante 5).

Por fim, na gestão acadêmica, em que a pessoa se achar capaz de envolver-se, planejar e cumprir prazos em relação às atividades acadêmicas, foi possível perceber que os estudantes criavam estratégias para conseguirem enfrentar os obstáculos presentes durante a graduação, para acompanhar o prazo das atividades e para envolver-se com os demais. As falas a seguir apresentam esses dados: “Ah, por exemplo, pra dar conta das minhas atividades da faculdade eu tenho que... Uma das minhas estratégias é: estudar a noite depois que a família dorme, é uma estratégia de estudo.” (Estudante 5), e “se eu tenho uma tarefa a ser feita relacionada à pesquisa eu cumpro essa tarefa até o fim, os projetos que eu entrei aqui na Universidade, eu entrei e mesmo em momentos de dificuldade, eu superei, entreguei a tempo, e eu espero fazer isso também com o meu TCC.” (Estudante 4).

A autoeficácia que houve um maior número a cima da media foi na gestão acadêmica, onde os participantes criam estratégias para que consigam enfrentar todos os obstáculos que aparecem durante a graduação, acompanhar o prazo das atividades e envolver-se com os demais, por exemplo, “eu faço uma agenda, isso ai eu faço uma agenda mental para poder estudar essas disciplinas no dia que eu faço e né, e sempre memorizando. Essas são as estratégias que eu faço.” – S.3, “Ah, por exemplo, pra dar conta das minhas atividades da faculdade eu tenho que... Uma das minhas estratégias é: estudar a noite depois que a família dorme, é uma estratégia de estudo.” – S.5, “se eu tenho uma tarefa a ser feita relacionada à pesquisa eu cumpro essa tarefa até o fim, os projetos que eu entrei aqui na Universidade, eu entrei e mesmo em momentos de dificuldade, eu superei, entreguei a tempo, e eu espero fazer isso também com o meu TCC.” – S.4, “O que eu me sinto capaz, é de ajudar, colaborar, isso ai eu ate me ofereço as vezes, essa índole eu tenho de ajudar o próximo, desde de pequena.” – S.3.

d) Papéis Ocupacionais: complexidade, conflito e experimentações no ambiente acadêmico

A partir da Lista de Papéis Ocupacionais, a distribuição dos papéis dos participantes demonstra que a totalidade da amostra teve 7 papéis no passado, havendo uma queda significativa comparando-se a do presente e também a do futuro. A Tabela 1, apresenta esses dados.

Tabela 1: Distribuição dos papéis ocupacionais ao longo do tempo (n=6)

Papéis Ocupacionais	Passado		Presente		Futuro	
	N	%	N	%	N	%
Estudante	6	100%	4	67%	5	83%
Trabalhador	5	83%	2	33%	4	67%
Voluntário	5	83%	1	17%	5	83%
Cuidador	6	100%	4	67%	5	83%
Serviço Doméstico	6	100%	5	83%	5	83%
Amigo	4	67%	5	83%	5	83%
Membro de Família	6	100%	5	83%	5	83%
Religioso	5	83%	1	17%	4	67%
Passatempo/Amador	6	100%	3	50%	4	67%
Participante em Organizações	2	33%	0	-	3	50%

A partir dos dados coletados, percebe-se que a maioria dos papéis ocupacionais que os participantes não estão exercendo atualmente pretendem exercer no futuro.

Os papéis de estudante, trabalhador, membro da família, cuidador e passatempo foram considerados por todos os participantes como de grande importância. Já o papel de serviço doméstico foi o maior considerado com alguma importância e o papel de participações em organizações foi apontado como principal em nenhuma importância para 3 participantes. A Tabela 2, a seguir, apresenta a importância que os estudantes conferem a cada papel.

A segunda parte da Lista de identificação de papéis ocupacionais identifica os valores que os participantes conferem a cada papel (Figura 2).

Tabela 2: Distribuição dos papéis ocupacionais com relação ao grau de importância (n=6)

Papéis Ocupacionais	Nenhuma Import.		Alguma import.		Muita import.	
	N	%	N	%	N	%
Estudante	0	-	0	-	6	100%
Trabalhador	0	-	0	-	6	100%
Voluntário	0	-	2	33%	4	67%
Cuidador	0	-	1	17%	5	83%
Serviço Doméstico	0	-	5	83%	1	17%
Amigo	1	17%	2	33%	3	50%
Membro de Família	0	-	0	-	6	100%
Religioso	0	-	2	33%	4	67%
Passatempo/Amador	1	17%	1	17%	4	67%
Participante em Organizações	3	50%	2	33%	1	17%

Ressalta-se que, a partir da distribuição do grau de importância dos papéis ocupacionais, foi possível identificar que o único papel que melhorou após a entrada na universidade foi o de amigo, referente ao número do passado que foi 67% e no presente passou para 83%.

Neste estudo, os papéis que se apresentaram de forma mais significativa para os estudantes foram o de estudante, de trabalhador, de cuidador, de membro da família e passatempo. O primeiro listado na LIPO foi o de estudante, que se refere a frequentar escola em tempo parcial ou integral e foi um papel que 100% dos participantes elegeram muito importante. Neste papel ocupacional foi possível identificar que 100% dos participantes da pesquisa o exerceram no passado, 67% exercem no presente e 83% pretendem retornar. Essa diferença de 16% entre o presente e o futuro, representa que os indivíduos desejam realizar o papel, porém não estão com condições no momento por haver outras prioridades.

O segundo papel foi o de trabalhador, onde a pessoa possui emprego remunerado de tempo parcial ou integral, elencado como muito importante por 100% dos indivíduos. Conforme a aplicação da lista observou-se que 83% dos participantes desempenharam esse papel no

passado, 33% ocupam-se no presente e 67% querem trabalhar no futuro. Dos 33% que relataram trabalhar atualmente, não fazem parte da comunidade acadêmica, por relatarem a dificuldade de “(...) equilibrar horários, ter um horário compatível com o horário de trabalho e o horário das aulas. Essas é umas das maiores dificuldades – S.2”. Dos 83% que disseram que já trabalharam, tiveram que sair do emprego para priorizarem a universidade, como pode perceber no discurso de S.4 “(...) deixei de trabalhar pra me dedicar melhor a minha graduação.”

O terceiro mais relevante é o de cuidador, que é ter responsabilidade, pelo menos uma vez por semana, em prestar cuidados a filho, esposo(a), parente ou amigo. Para esse papel 100% ocuparam no passado, 67% ocupa no presente e 83% pretende exercer-lo no futuro, tendo o grau de importância distribuída entre alguma (17%) e muita importância (83%). Alguns dos indivíduos disseram que sentem dificuldades em conciliar o papel de estudante com os demais, principalmente o de cuidador, de acordo com a fala de S.5 “muito difícil, por exemplo, eu tenho uma filha pequena, ela tem 7 anos, então, ela também precisa estudar, também precisa fazer as tarefas, eu to sempre sobrecarregada, é muita coisa pra ser feita, então as vezes ela fica um pouquinho de lado, então, conciliar com ser mãe, ser esposa, ser dona de casa, é difícil, não é fácil não.”

O quarto é o de membro de família, ter um tempo empregado ou fazer alguma coisa, pelo menos uma vez por semana, com um membro da família tal como filho, esposo(a), pais ou outro parente. De acordo com a atuação do papel, 100% exerceu no passado, 83% no presente e 83% pretendem no futuro, e com relação ao grau de importância foi 100% com muita importância. Esse papel foi elencado como um dos mais significativos na vida dos participantes, como podemos observar na fala de S.2, “cuido das funções de pai, levar filho na escola, trazer filho da escola, concertar alguma coisa em casa (...)”. Para conciliar esse papel com os demais, é necessário criar algumas estratégias para conseguir desempenhá-los, por exemplo, “uma das minhas estratégias é: estudar a noite depois que a família dorme (...) nos momentos que eu tenho disponível eu vou estudar, vou ler meus artigos, eu vou estudar pras provas, eu vou rever o que escrevi no meu caderno, essas coisas... – S.5”.

Após os mais relevantes, outro que foi significativo foi o de serviço doméstico, onde, pelo menos uma vez por semana, é responsável pelo cuidado da casa através de serviços como, por exemplo, limpeza, cozinhar, lavar, jardinagem, etc. Com a aplicação da LIPO foi possível identificar que 100% realizou esses serviços no passado, 83% realizam no presente e 83%

querem realizá-lo no futuro. O serviço doméstico é realizado, a maioria das vezes, nos finais de semana, que é um momento de descanso, diminuindo a importância significativa desse papel avaliada por 83% com alguma e 17% muita importância. Com esse grau é possível identificar que as pessoas que exercem esse papel atualmente, realizam por obrigação, não tendo prazer e priorizando outras atividades.

O papel de amigo, descrito em ter tempo empregado ou fazer alguma, pelo menos uma vez por semana, com amigo, foi o único que modificou após a entrada do indivíduo na universidade. Foi observado que 67% realizavam o papel no passado, 83% no presente e 83% pretendem continuar no futuro. Com esses dados, é possível identificar que após a entrada na universidade, aumentou 17% a interação social, por ser um dos objetivos que os adultos e idosos buscam o ambiente acadêmico. Porém, quando refere-se ao grau de importância, 17% considera como nenhuma, 33% alguma e 50% muita importância, percebendo que alguns realizam o papel apenas por serem obrigados, principalmente dentro da universidade, quando solicitados os trabalhos em grupos, “Olha (...) eu nunca fui te ter muita amizade, sou um pouco bicho do mato, eu sou individual, não sou muito de estar em grupo, então a relação com os colegas era tranquila era o estritamente necessário (...) – S.2”.

O papel de passatempo/amador, referente ao envolvimento, pelo menos uma vez por semana, em atividades de passatempo ou como amador tais como costurar, tocar um instrumento musical, marcenaria, esportes, teatro, participação em clube ou time, etc. Esse papel estava presente no cotidiano de 100% dos participantes, 83% atualmente e 67% pretendem tê-lo no futuro. Sobre a importância, 33% dizem não ter nenhuma, 17% alguma e 50% muita importância, sendo um dos fatores importantes para promover bem-estar e saúde mental para os indivíduos.

CONCLUSÃO

Através dos aspectos apresentados, foi possível compreender a rotina e os papéis exercidos dos estudantes universitários adultos e idosos no âmbito universitário. Conclui-se que os estudantes universitários com mais de 40 anos de idade, possuem dificuldades em se manter dentro da universidade por aspectos relacionados a rotina, como por exemplo, o acúmulo de papéis ocupacionais, e também por conta da didática, relações sociais e apoio dos docentes/universidade. O ingresso em uma faculdade com uma idade avançada é o sonho de

muitos, já que nesse período da vida os indivíduos se sentem mais sozinhos e incapazes de realizar algumas atividades, buscando uma solução no início de uma graduação.

Contudo, esses indivíduos passam por dificuldades desde o ingresso até a conclusão, sendo que as principais causas das dificuldades sofridas são os papéis ocupacionais excessivos que a pessoa exerce e por se sentirem inferiores e não acreditando nas suas capacidades. Durante a entrevista, os indivíduos demonstraram insegurança e pensamentos negativos diante de seu potencial, o que acaba prejudicando o desempenho de suas atividades e perdendo novas oportunidades, relacionado diretamente com a autoeficácia. Essa comparação entre os alunos com mais de 40 anos e os jovens, deveria ser inexistente, já que os mais velhos possuem papéis ocupacionais diferente dos demais, como por exemplo, de mãe, pai, dona de casa, trabalhador, esposa e marido, que exige maior responsabilidade e cobrança, onde a maioria dos jovens não possui.

Foi possível identificar que quando os adultos e idosos entram na universidade eles deixam de exercer atividades que são consideradas, por eles, muito importantes, podendo trazer prejuízos à saúde. Dessa forma, o terapeuta ocupacional, poderia contribuir na vida desses indivíduos, para que os indivíduos conseguissem se organizar melhor para exercer todos os papéis ocupacionais desejados e de forma independente, sem que nenhum seja prejudicado.

REFERÊNCIAS

AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION, AOTA. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo - 3ª ed. traduzida. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 26, p. 1-49, apr. 2015. ISSN 2238-6149. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/97496>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

BANDURA, A. **Self-efficacy: toward a unifying theory of behavioral change**. *Psychological Review*, v. 84, n. 2, p.191-215, 1977

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

CORDEIRO, J. R. **Validade transcultural da lista de papéis ocupacionais para portadores de doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC) no Brasil**. 2005. 111p. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) - Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina, Programa de Pós-Graduação em Reabilitação, São Paulo, 2005.

DA COSTA PINTO, Amâncio. Memória, cognição e educação: Implicações mútuas. **Educação, cognição e desenvolvimento: Textos de psicologia educacional para a formação de professores**, 2001.

GALHEIGO, Sandra Maria. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. **Revista de terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 14, n. 3, p. 104-109, 2003.

NEISTADT, Maureen E.; CREPEAU, Elizabeth Blesedell. **Willard & Spackman: Terapia Ocupacional**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2002.

NERI, A. L. **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas/SP: Papirus, 2001.

NUNES, Vivian Patrícia Caberlon et al. A inclusão digital e sua contribuição no cotidiano de idosos: possibilidade para uma concepção multidimensional de envelhecimento. 2006.

OLIVEIRA, A. M., GARCIA, P. A. **Perfil demográfico, clínico e funcional de idosas participantes e não-participantes de atividades comunitárias ligadas à igreja**. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 22, n. 2, p. 153-161, maio/ago. 2011.

PEREIRA, Jacqueline Mary Monteiro. A escola do riso e do esquecimento: Idosos na educação de jovens e adultos. **Educ. foco**, p. 11-38, 2011.

SARRAIPO, MARIA APARECIDA DOS SANTOS et al. A PRESENÇA DO IDOSO NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO E OS RUMOS DOS MODELOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM. **Revista Perspectivas do Desenvolvimento**, v. 4, n. 05, 2016.

SIMÓ, Salvador et al. **Terapias Ocupacionales desde el Sur. Derechos humanos, ciudadanía y participación**. Santiago: Editorial Usach, 2016. 528 p.

TAVARES, D.C. **A presença do aluno idoso no currículo da universidade contemporânea- uma leitura interdisciplinar**. Tese de Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo 2008.

Universidade de Brasília, faculdade de ceilandia. Disponível em: < <http://fce.unb.br/sobre-a-fce/historico>> Acesso em: 25 jun. 2018.

WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPISTS – WFOT. **Minimum standards for the education of occupational therapists**. Fprrestfield: World Federation of Occupational Therapists, 2016.